

FONÉTICA HISTÓRICA

O estudo da diversidade dos diferentes sistemas que compõem uma língua, entendida como unidade histórica e política requer o conhecimento das mudanças que ocorreram no passado e que explica o surgimento das formas desviantes, que se organizam (muitas vezes de forma sobreposta) em variantes diatópicas, que, dentro de uma unidade geopolítica, não permanece intocada, devido à transumância, fenômeno que se acelerou muito na época das Grandes Navegações e após a chamada Revolução Industrial. A chamada *relação genética* entre as línguas só faz sentido em determinados conjuntos de palavras, a maioria vinculadas a subclasses morfológicas mais ou menos fechadas (alguns paradigmas semânticos do léxico, morfemas flexionais de declinação e conjugação, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa do singular, preposições, algumas conjunções que expressam valores lógicos). Nas chamadas subclasses abertas (a maioria dos substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, por exemplo), vale o conceito das *isoglossas*, assim como os fenômenos fonológicos que espelham hábitos articulatórios em derivas, independentes do conceito de língua: o mesmo fenômeno fonético pode paulatinamente acontecer no espanhol meridional da Península Ibérica e estender-se até a área portuguesa. Desse modo, ao lado de mudanças *herdadas*, há as mudanças *compartilhadas pela mesma isoglossa*.

Um estudo diacrônico tem, portanto, dois aspectos antagônicos: *conservação* de traços fonéticos ou *mudança*.

As mudanças podem ser de dois tipos: ou *mudanças fonéticas* ou *mudanças analógicas*. No primeiro caso, atua-se apenas no âmbito do significante, já no segundo a diferença entre significante e significado se torna difusa.

Entre as mudanças, há algumas regulares (que justificaria o termo *regras fonéticas*), dentre as quais algumas têm pouquíssimas exceções (única situação em que se torna plausível o uso do termo *lei fonética*) e há outras que são muito particulares. Alguns autores, no intuito de evitar o termo *lei fonética* (que remonta à polêmica contra os neogramáticos da segunda metade do século XIX) e também achando pouco adequado o termo *metaplasmo*, oriundo da Estilística e da Retórica, acabam simplesmente referindo-se a esses fenômenos como *mudanças fonéticas*. De qualquer forma, os próprios neogramáticos entendiam que nem todos os fenômenos da fonética histórica podiam ser explicados por meio de leis fonéticas e as exceções eram consideradas resultado de associações mentais de vários tipos, que eram referidas de forma genérica como “analogia”.

Costuma-se agrupar as mudanças fonéticas em quatro tipos:

- **subtrações** (quando, na comparação com uma sincronia anterior, verifica-se o desaparecimento de um som ou de um conjunto de sons em um determinado *locus*);
- **adições** (quando, na comparação com uma sincronia anterior, verifica-se o surgimento de um som ou de um conjunto de sons em um determinado *locus*);
- **transposições** (quando, na comparação com uma sincronia anterior, verifica-se a troca de *locus* de pelo menos dois sons ou conjuntos de sons);
- **transformações** (quando, na comparação com uma sincronia anterior, não há perda, nem surgimento, nem transposição, mas uma mudança na essência de um determinado som em um determinado *locus*);

Verifica-se, portanto, que uma transformação fonética é um tipo especial de mudança fonética. O estudo das mudanças fonéticas é conhecido como *Fonética Histórica*. Mais raramente, fala-se de *Fonologia Histórica*, quando não se fala de sons, mas de fonemas. Na *Fonética Histórica*, todo dado que pertença a uma sincronia passada anterior à invenção de gravadores deve ser marcado pelo *asterisco de Schleicher*, pois se trata de uma *reconstrução* e não de um dado empírico coletado ou intuído a partir de falantes vivos. O mesmo se pode dizer de fonemas deduzidos por comutação em sincronias pretéritas. Os estudos de *Fonética Histórica* do português remonta à obra de 1606 de Duarte Nunes de Leão *Origem da língua portuguesa*, mas foram mais detalhados no final do século XIX e começo do século XX com Jules Cornu *Die Portugiesische Sprache*, 1888; José Joaquim Nunes *Crestomatia arcaica*, 1908; *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 1918; Edwin B. Williams *From Latin to Portuguese*, 1938 (tradução portuguesa: *Do latim ao português*, 1961); Heinrich Lausberg. *Romanische Sprachwissenschaft*, 3v, 1956 (tradução portuguesa *Linguística Românica*, 1981).

Dentre os fenômenos fonéticos da língua portuguesa compartilhado com outras línguas da România Ocidental (porção a oeste da isoglossa La Spezia-Rimini): português, galego, espanhol, francês, provençal, romanche, ladino, friulano e dialetos italianos setentrionais, citem-se o chamado “vocalismo do latim vulgar” (transformação específica do subsistema vocálico do latim comum para o chamado latim vulgar, a partir do século I d. C.) e a sonorização de consoantes surdas intervocálicas.

O VOCALISMO DO LATIM VULGAR

Toda língua formada na România Ocidental, inclusive o português, partem da seguinte transformação vocálica sistemática das vogais tônicas:

<ī>: *[i:] > *[i]	<i>fīcum</i> > f igo	[i]
<ĩ>: *[i] > *[e]	<i>sīccum</i> > s eco	[e]
<ē>: *[e:] > *[e]	<i>rētem</i> > r ede	[e]
<ě>: *[e] > *[ɛ]	<i>ěquam</i> > é gua	[ɛ]
<ā>: *[a:] > *[a]	<i>pācem</i> > p az	[a]
<ǣ>: *[a] > *[a]	<i>mǣre</i> > m ar	[a]
<ō>: *[o] > *[ɔ]	<i>rōtam</i> > r oda	[ɔ]
<ō>: *[o:] > *[o]	<i>amōrem</i> > a mor	[o]
<ū>: *[u] > *[o]	<i>lūpum</i> > l obo	[o]
<ū>: *[u:] > *[u]	<i>matūrum</i> > m aduro	[u]

Isso revela, que um subsistema fonológico de dez vogais se reduziu a um sistema de sete: vogais longas sofreram alçamento (isto é, ficaram mais fechadas) e vogais breves sofreram rebaixamento (isto é, ficaram mais abertas). A única exceção é a perda do traço de quantidade na vogal longa [a:], que se confundiu em todas as variantes do latim falado com a vogal breve [a]. Os ditongos grafados <œ> e <æ> confundiram-se, respectivamente com <ē> e <ě>:

fædum > feio [e] ; *cæcum* > cego [ɛ]. O quadro acima revela um grande conservadorismo da língua portuguesa no tocante ao subsistema fonológico das vogais, quadro que apenas será ampliado com o surgimento das vogais nasais. Em muitas línguas, porém, o quadro das vogais do latim vulgar mudou sensivelmente, sobretudo por meio de ditongações. Por exemplo, espanhol *[ɛ] > [je], *[ɔ] > [we] cf. português *ferro*, espanhol *hierro*; português *corpos*, espanhol *cuerpos*.

Essas transformações são *leis fonéticas*, no sentido de que as exceções precisam ser explicadas.

SONORIZAÇÃO DAS CONSOANTES SURDAS INTERVOCÁLICAS

Na România Ocidental, consoantes surdas intervocálicas transformam-se em consoantes sonoras. No exemplo acima, pode-se depreender que muitas consoantes plosivas surdas se transformaram nas suas correspondentes sonoras:

<-p->:	*[p]	> *[b]	<i>lŭpum</i> > lobo	[b]
<-t->:	*[t]	> *[d]	<i>rētem</i> > rede	[d]
<-c+a, o, u>:	*[k]	> *[g]	<i>fīcum</i> > figo	[g]
<-c+ e,i >:	*[k]	> *[z]	<i>pācem</i> > paz	[z]
<-qu+a, o, u>:	*[kw]	> *[gw]	<i>ĕquam</i> > égua	[gw]
<-qu+e, i>:	*[k]	> *[g]	<i>aquīlam</i> > águia	[g]

O mesmo ocorre com as consoantes surdas seguidas de *[r]: *socrum* > sogro. Outras sonorizações: *[s] > [z] *casam* > casa [z]; *[f] > [v]: *aurificem* > ourives; *profectum* > proveito; *ædificare* > *eivigar* (culto: *edificar*). Como no vocalismo, a sonorização das intervocálicas é uma *lei fonética*: são as exceções que precisam ser explicadas.

Outros fenômenos da România Ocidental envolvem questões morfológicas (redução dos seis casos latinos para três, por exemplo). Percebe-se contudo que na Península Ibérica, conquistada na Segunda Guerra Púnica, no século III a. C., algumas características do latim arcaico se tornaram muito salientes e sobreviveram após o surgimento de uma *koiné* conhecida como latim vulgar, que surgiu após a conquista da Gália, na segunda metade do século I a. C. Assim sendo, os vocábulos nominais (substantivos, adjetivos e participios) provêm de um caso único, cuja forma é do acusativo (singular e plural), como se pode ver nos exemplos acima: a forma **pax** desapareceu e apenas sobreviveu, de todos os casos, o acusativo **pacem**, que é conhecido como *caso lexicogênico*.

Outra característica, dentre muitas, do latim ibérico anterior ao latim vulgar é a redução do número de conjugações verbais: em vez de quatro, há três (a terceira conjugação latina ora é representada nos étimos do português pela segunda ou pela quarta). Por consequência, a quarta conjugação latina passa a ser nomeada “terceira conjugação” em português.

Palavras que têm origem latina mas não foram transmitidas oralmente, mas reintroduzidas na Idade Média, Renascimento ou posteriormente, não seguem nem o vocalismo do latim vulgar nem a sonorização das surdas intervocálicas, tampouco outras transformações, como se verá abaixo, mas têm uma maior conservação, pois são *empréstimos* (conhecidos normalmente como *cultismos*). Alguns cultismos foram introduzidos muito cedo, pelo Cristianismo, e revelam características intermediárias entre os cultismos (conservações) e os vulgarismos (mudanças fonéticas), assim como transformações irregulares.

É preciso alertar que as mudanças fonéticas têm nomes específicos dependendo da sua essência ou da sua posição num determinado *locus* da palavra (início, meio ou fim). Esses nomes servem para *descrever* a mudança e raramente servem para *explicar* a mudança, de modo que não é incomum o uso de vários deles numa perspectiva teórica de viés sincrônico.

TIPOS DE MUDANÇAS FONÉTICAS

(1) SUBTRAÇÃO

a. AFÉRESE

Uma aférese é uma subtração no início da palavra. O nome provém do grego gr. ἀφάρησις “supressão”

espera > [ˈpɛra]

enamorar > namorar

abbatinam > batina

Observe-se que os três exemplos acima ocorreram em épocas distintas e envolvem sincronias distintas: a aférese de *espera* é muito mais recente do que a de *enamorar* e essa, por sua vez, é bem mais recente do que a de *abatinam*, de modo que o símbolo “>” não determina nem a *época* em que a transição de uma sincronia ocorreu para a sincronia seguinte, nem a *duração* dessa transição. Um caso de aférese não é regular, de modo que a aférese da sílaba *es-* em *espera* não ocorreu necessariamente na mesma sincronia de outra aférese semelhante, como **e**stá > tá (que é mais antiga, pois também ocorre no espanhol regional).

Dizer que uma palavra sofreu uma aférese é uma *descrição*. Se eu suponho que as aféreses abaixo ocorreram por causa de uma reanálise de um artigo definido previamente inexistente, temos uma *explicação* (i.e. uma *hipótese*, que requer ser *comprovada* com dados e é possível de ser *refutada* com outros dados);

episcopum > **o**bispo > bispo (mas espanhol *obispo*)

horologium > relógio (cf. espanhol *reloj*)

Há aféreses de vogais, consoantes e de sílabas iniciais. A aférese da consoante *f* é bastante comum em espanhol (*filium* > *hijo*, *foliam* > *hoja*), inexistente no português e no galego.

b. SÍNCOPE

Em estudos sincrônicos, utiliza-se o termo “síncope” para qualquer subtração, mas em estudos diacrônicos, uma síncope é exclusivamente uma subtração no meio da palavra. O nome provém do grego gr. συγκοπή “encurtamento, redução”. Muitíssimo comum na România Ocidental, divide-se em um grande número de subtipos. Há síncofes de vogais, consoantes e sílabas mediais.

(1.b.1) SÍNCOPE DA VOGAL POSTÔNICA IMEDIATA EM PROPAROXÍTONOS

Trata-se de um fenômeno pancrônico na România Ocidental, no sentido de que se trata de algo presente em todas as sincronias ao longo de uma diacronia que vem desde o latim arcaico até o português moderno. No latim arcaico, a acentuação se concentrou na primeira sílaba, a qual debilitou muitas sílabas posteriores. No latim clássico, só há duas possibilidades de acentuação, claramente previsíveis: vocábulos paroxítonos têm vogal longa na penúltima sílaba e proparoxítonos têm vogal breve. A síncope da postônica favoreceu o surgimento de mais paroxítonas que proparoxítonas, situação ainda presente hoje. Um antigo testemunho desse fenômeno é o *Appendix Probi*, documento do século IV d. C.

calīdum > caldo (cf. AP 53: *calida non calda*)
 virīdem > verde (cf. AP 201: *viridis non viridis*)
 posītum > posto
 lepōrem > lebre
 pulīcem > pulga
 opēra > obra
 xīcara > [ˈʃikra] → xicrinha
 abóbora > [aˈbɔbra] → abobrinha

Há uma vasta literatura sobre o tema, cf. Serafim da Silva Neto *Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi*, 1938; *Fontes do latim vulgar*, 1956; *História do latim vulgar*, 1957; *História da língua portuguesa*, 1957; Theodoro Henrique Maurer Jr. *Gramática do latim vulgar*, 1959; *O problema do latim vulgar*, 1962; Veikko Väänänen *Introduction au latin vulgaire*, 1963; Manuel Díaz y Díaz. *Antología del latín vulgar*, 1985.

(1.b.2) SÍNCOPE DA VOGAL PRETÔNICA IMEDIATA EM PROPÁROXÍTONOS

Menos conhecida e menos sistemática é a síncope da vogal pretônica imediata em propároxítonas. Abaixo uma lista de exemplos, a maioria dos quais foi extraída da obra de Joseph Huber *Altportugiesisches Elementarbuch*, de 1933:

liberare > livrar
 amaricare > amargar
 caballicare > cavalgar
 legalitatem > lealdade
 maiorinum > meirinho
 traditionem > treíçom
 delicatum > delgado
 prædicare > pregar (Português europeu [pre'ɣar])
 vindicare > vingar
 inimicum > iimigo > imigo
 civitatem > ciidade > cidade (esp. *ciudad*)
 comparare > comprar
 bonitatem > bondade
 judicarem > julgar
 recuperare > recobrar
 liberare > livrar
 *sufferere > sofrer
 imbarricare > embargar
 *alicunum > algum
 follicare > folgar
 communicare > comungar
 veritatem > verdade
 bonitatem > bondade
 pœnitentiam > pendenza
 comitatum > condado
 limitare > lindar

Muitos dos casos acima colocam a questão da sequência de fenômenos: aparentemente a sonorização das plosivas surdas intervocálicas ocorreu antes da síncope vocálica, que nos permite reconstruir etapas intermediárias em outras

sincronias: lepõrem > *lebore > lebre; bonitatem > *bonidade > bondade. Observe que essas etapas reconstruídas são *hipóteses* e requerem *comprovação* nas sincronias em que ocorrem (que normalmente se apresentam na forma de testemunho escrito de outras palavras em que o fenômeno fonético ocorra, cognatos em outras línguas aparentadas etc.).

(1.b.2) SÍNCOPE DE CONSOANTES SONORAS INTERVOCÁLICAS

Um fenômeno não-pancrônico, isso é, ligado a uma única sincronia pretérita e delimitado na região do Noroeste da Península Ibérica é a síncope do -L- intervocálico, lei fonética característica do galego e do português. Também característica dessa região é a síncope do -N- intervocálico, com posterior *nasalização* da primeira vogal (transformação que ainda se encontra no português em vários contextos fônicos, mas não mais no galego), outra lei fonética. Plosivas têm comportamento distinto: o -B- costuma sofrer uma transformação para -V-, classificada como *lenização* (isto é, a transformação de uma plosiva em fricativa), já o -D- *[d] e o -G- velar *[g] passaram por uma hipotética lenização (isto é, *[ð] e *[ɣ] respectivamente) antes de sofrer a síncope. Em alguns casos de síncope de -B- hipotetiza-se um estágio anterior de lenização para *[β]. A sonorização das plosivas sonoras é um fenômeno que ocorreu numa dada sincronia pretérita, já a lenização de plosivas sonoras é um fenômeno que ocorreu no galo-românico, no espanhol setecentista e no português oitocentista, sendo conhecido como uma *deriva*, isto é, um fenômeno que ocorre pela expansão de uma isoglossa em diversos sistemas, com velocidade de expansão variada e que, supostamente, está motivada por traços não-distintivos da norma que acabam se convertendo em traços distintivos do sistema. Tal fenômeno foi percebido por Jacob Grimm em sua *Deutsche Grammatik* na segunda edição de 1822 e foi chamada posteriormente de “lei de Grimm”. O aspecto teleológico, contudo, de autores que defendiam as derivas já foi questionado por Otto Jespersen. *Language, its nature, development and origin*, 1922, um ano após o livro de Edward Sapir, que apresenta as derivas (*drifts*), a saber *Language: an introduction to the study of speech*, 1921.

(1.b.2.1) SÍNCOPE DO -L- (após suposta vocalização)

*[l] > *[ɫ] ~ *[w] > ∅

Lei fonética do noroeste da Península Ibérica.

malum > mau

umbilicum > umbiigo > umbigo ~ embigo

filum > fio (espanhol *hilo*)

popiulum > *['pɔbolo] > poboo > povo (espanho *pueblo*)

(1.b.2.2) SÍNCOPE DO -B-

*[b] > *[\beta] > \emptyset ~ [v]

Regra fonética da România Ocidental, com várias exceções. Assistemática. A sequência *-aba-* não promove síncope, mas lenização (cf. 4.b)

caballum > cavalo*cantabam* > cantava*dicebam* > *diceam > *diciam > dizia*ibam* > ia (cf. espanhol *iba*)*tibi* > *tii > ti

(1.b.2.3) SÍNCOPE DO -D- (após suposta lenização)

Lei fonética da România Ocidental

*[d] > *[\ð] > \emptyset (seguido de ditongação ou crase)

dedi > dei*sedere* > seer > ser*gradum* > grau*medium* > meio*vadam* > vaa > vá*pedem* > pee > pé*nudum* > nuu > nu (esp. *nudo*)

Esta síncope ocorre duas vezes na história do português. A segunda, por volta do século XV exclusivamente nas terminações da 2ª pessoa do plural *-ades*, *-edes*, *-ides*, *-ade*, *-ede*, *-ide*: *cantatis* > cantades > (XV) *cantae*s > *cantais > canteis (tardio). Observe que este fenômeno é uma *deriva* tendo ocorrido no francês arcaico, no castelhano do século XVII (com síncope mais recente) e lenização no português europeu a partir do século XIX (sem síncope), cf. *maturum* > *meður > meür > mûr; *cantatum* > *cantado* > espanhol [kan'taðo] > [kan'tao]; *cantatum* > *cantado* > português europeu [kɛn'taðu]

(1.b.2.4) SÍNCOPE DO -G- (após suposta lenização)

*[g] > *[\ɣ] > \emptyset (seguido de ditongação ou crase)

Regra fonética da România Ocidental, com várias exceções. Assistemático, cf. conservações como *rogare* > rogar aparentemente são cultismos.

ego > eu*legere* > leer > ler**vagativum* > vaadio > vadio

legalem > legal ~ leal
regalem > real
reginam > *reña > rainha (esp *reina*)
regem > *ree > rei
frigidum > *friio > frio

(1.b.2.4) SÍNCOPE DO -N- (com nasalização da vogal precedente)

*[n] > ÑV > ÑV > ÑG ~ VV (com posterior ditongação, desnasalização e/ou crase).

Lei fonética do noroeste da Península Ibérica.

manum > mão
manos > mãos
panem > pan > pão
panes > pães
leonem > leon > leão
leones > leões
certitudinem > *certidoẽ > certidõe > certidão
certitudines > *certidoẽs > certidões

Pelos exemplos acima, observa-se que a apócope do -e após a nasal (vide 2.c) ocorreu antes da síncope do -n-: *panem* > *pane > pan > *[pã]. A ditongação em -ão de palavras provenientes das terminações -anem, -onem e -udinem ocorre apenas por volta do século XV, ocasionando irregularidade na formação do plural das palavras cujo singular terminam em -ão (algo que não ocorria na Idade Média).

(1.b.3) SÍNCOPE DE SEMIVOGAIS (MONOTONGAÇÃO)

*[w] > ø

*[j] > ø

Em posição intervocálica, nos encontros *[kw] ou *[gw] ou após consoante nasal ou plosiva. Fenômenos pancrônicos e assistemáticos.

civitatem > cidade > cidade (espanhol *ciudad*)
rivum > rio
maiorem > maor > moor > mor (cf. maior é um cultismo)
peiores > peor > pior
nunquam > nunca
dormio > dormho *[ˈdormjo] > durmo
comedo > *comio > como

limpidum > *limpio > limpo

Restrita à língua falada, tanto no sul de Portugal, quanto em quase todo o Brasil, há monotongação após síncope de [j] após os sons [ʃ ʒ r] e, excepcionalmente outros, cf. *manteiga* > [mtega] (também em papiamento) e em formas regionais como *queima* > ['kema]

baixo > ['baʃu]

beijo > ['beʒu]

feira > ['fɛra]

(1.b.4) CRASE

A crase (do grego κρᾶσις “mistura, fusão”) se define como uma fusão de duas vogais iguais. Ocorre, geralmente, após síncope de consoante intervocálica. É fenômeno característico do Noroeste Peninsular.

pedem > pee > pé

dolorem > door > dor

colorem > coor > cor

legere > leer > ler

A crase explica padrões irregulares da vogal pretônica em português europeu:

**vagativum* > vaadio > vadio

☞ Português europeu [va'ðiw] e não ★[vɛ'ðiw] como esperado.

**excadescere* > escaecer > esqueecer > esquecer

☞ Português europeu [iʃ'kɛ'sɛr] e não ★[iʃ'kɔ'sɛr] como esperado.

coloratum > coorado > corado

☞ Português europeu [kɔ'raðu] e não ★[ku'raðu] como esperado.

**panatariam* > *pãadaria > paadaria > padaria

☞ Português europeu [paðɐ'riɐ] e não ★[pɛðɐ'riɐ] como esperado.

(1.b.5) DEGEMINAÇÃO

A degeminação é o equivalente da crase em relação às consoantes e é fenômeno circunscrito ao Latim Vulgar (exceto italiano padrão). Aparentemente não houve degeminação, mas transformação, no encontro -rr- na Península Ibérica (*currere* > correr [r], não ★[rr]) e, exceto no Noroeste peninsular, também em -nn- e -ll- como comprova o castelhano: *caballum* > espanhol *caballo* [ʎ]; *annum* > espanhol *año* [ɲ], mas português *cavalo* e *ano*.

guttam > gota
 vaccam > vaca

Algumas degeminações devem ter ocorrido em sincronias posteriores:
 septimanam > *setmana > *semmana > semana (catalão *setmana* [səm'mana])

(1.b.6) SÍNCOPE DA CONSOANTE EM ENCONTROS CONSONANTAIS INTERVOCÁLICOS

Rara. Tal como ocorre nos padrões intervocálicos, muitas plosivas seguidas de -r- podem sofrer síncope, após hipotética lenização. Mais comum com -dr- e menos com -br- e -gr-. No português moderno, palavras vindas do latim clássico têm síncope em encontros como -ct- (no português europeu, muitas vezes com abertura da pretônica):

quadraginta > coreenta > corenta ~ quarenta (restauração)
director > diretor ~ director [dirɛ'tor] e não ★[dirə'tor]
actio(nem) > ação ~ acção [a'sẽw] e não ★[ɐ'sẽw]

No entanto conservação em *factus* > facto ['faktu], com [k] restaurado *versus* fato “terno” (*vide* o que se comenta em *sob* 1.c)

(1.b.7) HAPLOLOGIA

Empréstimo do francês ou do inglês, a partir de palavra construída a partir do grego ἁπλός “simples” + λόγος “palavra”. Trata-se normalmente da queda de uma sílaba com estrutura [C₁V₁\$'C₁V₂], que se torna ['C₁V₂]. Ocorre em palavras herdadas, em palavras formadas por sufixação e até mesmo em criações eruditas (por exemplo, em gentílicos oficiais). É um fenômeno morfofonológico.

saudade+-oso → *sauddoso > saudoso
 idade+-oso → *idaoso > idoso
 trágico+cômico → tragicômico
formica+*-cida* → *formicicida > formicida
 ídolo+*-latria* → *idololatria > idolatria
semi+mínima → *semimínima > semínima
 Paula Cândida+-ense → *paulacandidense > paulacandense
 Presidente Dutra+-ense → *presidendutrense > presidutrense

c. APÓCOPE

Uma apócope é uma subtração no final da palavra. O nome provém do grego gr. ἀποκοπή “supressão, amputação”. Na România Ocidental, todas as consoantes finais do latim caíram, exceto -s. Palavras terminadas em -r às vezes sofrem metátese (vide 3.a). Em todo o latim vulgar não há resquícios do -m do acusativo lexicogênico. Na România Ocidental ocorrem também a queda do -e do infinitivo (exceto nas regiões que conservaram a terceira conjugação). Na Península Ibérica, cai também o -e secundário após -n, -l, -r, -z. Conserva-se o -m latino (na forma de vogal nasal) em pouquíssimos casos, cf. *cum* > com, *quem* > quem, *aliquem* > alguém. O nome “apócope” é utilizado na gramática normativa do espanhol para casos como *gran*, *buen* em oposição às formas não apocopadas *grande*, *bueno*. A apócope é um fenômeno que também pode ocorrer sintaticamente e nesse caso, tem nomes especiais, como sinalefa: *de+a* → *da*, *de+este* → *deste*, ou eclipse: *com+a* → [ka], *com+uns* → [kũs], termos provenientes da Estilística, mais especificamente, da métrica poética.

amat > ama
amant > amam
rosam > rosa
mensam > mesa
et > e

A irregularidade dos plurais em -l advém da apócope do -e secundário no singular, algo que não ocorre no plural, uma vez que o -s do acusativo plural lexicogênico não é apocopado, o que causa a síncope do -l- e a manutenção do -e (do ponto de vista sincrônico, o -e- é acrescentado entre a consoante final e o -s do plural, mas diacronicamente, trata-se de uma *conservação*):

fidelem > *fidele > fiel
fideles > *fideles > fiees > fiéis
vocem > *voze > voz
voces > vozes
lucem > *luze > luz
luces > luzes
mensem > *mese > mês
menses > meses

quaeret > quere > quer > [ˈkɛ]
facit > faze > faz
fecit > feze > fez

dicit > *dize* > diz
posuit > *pose* > pôs

A partir da primeira apócope, muitas vezes testemunha-se uma variação regional no português antigo, de modo que a escolha da gramática normativa entre os casos com apócope e os com síncope/ conservação, nesses casos, é arbitrária.

salit > **sale* > sal ~ sai
valet > **vale* > val ~ vale
ponet > **pone* > pom ~ põe

No caso da palavra *sub* > *so* (cf. *soterrar*, *somenos*), a letra foi restaurada no final do século XVI, assim como em nomes hebraicos do tipo Jacob, Job, mas não era pronunciada. A recuperação da pronúncia do [b]: **[so]* > *[sob]* > português brasileiro *[sobi]* (vide 2.c) ocorreu devido ao desuso de “sob” em relação a “embaixo de” e o desconhecimento da pronúncia antiga *[so]*. Nesse caso, a escrita interferiu na fala, como se vê em vários casos (cf. inglês *aids* > *[ˈajdis]* e não ★*[ˈejdis]*, *club* > *[ˈklubi]* e não ★*[ˈklɛbi]*).

(2) ADIÇÃO (OU ACRÉSCIMO)

a. PRÓTESE

Uma prótese é uma adição no início da palavra. Mais conhecido como *prótese*, o nome do fenômeno vem do grego πρόσθεσις “adição”. A adição de e- antes de s- latino, seguido de consoante é uma lei fonética em toda România ocidental. Fenômeno similar ocorre com empréstimos modernos (do inglês ou do italiano), embora nesse caso se trate de uma prótese de um [i]. Os demais casos, não são sistemáticos e ocorrem com alguma frequência em étimos iniciados com *l-*, *r-*, *n-*.

stare > *estar* (cf. espanhol *estar*)
scholam > *escola* (cf. espanhol *escuela*)
speculum > *espelho* (cf. espanhol *espejo*)
 inglês *skate* > *[isˈkejtʃi]*
 inglês *spam* > *[isˈpẽ]*

nanum > *anão* (cf. espanhol *enano*)
lembrar > *alembicar*

Casos de prótese de consoantes são raros (como na falsa segmentação Sant'íago > São Tiago), no entanto uma prótese de g- (seguida de uma monotongação nos casos gue-, gui-) ocorre em empréstimos germânicos iniciados com *w-, muitos deles empréstimos do francês ou provençal, línguas nas quais a monotongação já deveria ter ocorrido (cf. espanhol *huebo* > ['gweβo], *huele* > [gwele]):

*wîsa > **g**uisa (alem. *Weise*)

*werra > **g**uerra (ingl. *war*)

*wardan > **g**uardar

b. EPÊNTESE

Em estudos sincrônicos, utiliza-se o termo “epêntese” para qualquer adição, mas em estudos diacrônicos, uma epêntese é exclusivamente uma adição no meio da palavra. O termo vem do grego ἐπένθεσις “intercalação” e é sinônimo de termos menos usuais, como *anaptixe*, do grego ἀνάπτυξις “desdobramento, ação de abrir” ou *suarabákti*, do sânscrito svarabhakti “vogal que divide”. A epêntese está vinculada à questão da tolerância da estrutura silábica: atualmente, há epêntese de [i] no português brasileiro em encontros consonantais cujo segundo elemento consonantal não seja -r- ou -l- ou cujo primeiro elemento não seja -s-, -r ou -l- (muitas línguas não toleram nenhum encontro consonantal, cf. inglês *credit card* > japonês *kurejittokādo*, inglês *Merry Christmas* > havaiano *meli kalikimaka*). Em português, isso ocorre com frequência quando há encontro de duas consoantes (exceto nos casos mencionados acima) na fronteira silábica, ampliando o número de sílabas e modificando a estrutura da palavra *V₁C₁\$C₂V₂ > V₁\$C₁[i]\$ C₂V₂: *ad-vo-ga-do* > *a-d[i]-vo-ga-do* (nesta palavra há a solução pela síncope no espanhol *a-bo-ga-do*). Em outras sincronias, o português também reflete intolerância com encontros cujo segundo elemento é um -r e o primeiro é uma labial: *blattam* > **bar**ata, *februarium* > fe**ve**reiro ou uma velar **gruppam* > **gar**upa. Regionalmente também se encontram epênteses entre um -l e uma plosiva: *dificuldade* > **dicul**idade. Encontros de nasais com -r também geram epênteses de consoantes: *humĕrum* > *omro > om**br**o (cf. espanhol *hombro*) e vemos na Península Ibérica (mas não no Noroeste), essa mesma solução para um encontro *mn secundário: *feminam* > *fêm**ẽ**a > português fê**m**ea, mas *feminam* > *fem**na** > *fem**ra** > espanhol hem**br**a; o mesmo rotacismo ocorre em casos de apócope em português: *hominem* > *hom**ine** > hom**e**m, mas *hominem* > *hom**ne** > *hom**re** > espanhol hom**br**e. Outro exemplo: **nominem* > *nom**ine** > *nom**ẽ** > português nom**e**, mas **nominem* > *nom**ine** > *nom**ne** > *nom**re** > espanhol nomb**re**.

apto > ['ap**i**tu]

pneu > [pe'**n**ew]

ritmo > ['hit**f**imu]

istmo > ['ist**f**imu]

inglês *football* > fute**bol**
 inglês *sleeper* > chul**ipa**

Característica do português brasileiro é a epêntese do [j] em sílaba final tônica, seguida de /s/:

capaz > [ka'paj**s**] ~ [ka'paj**ʃ**]
 freguês > [fre'ge**js**] ~ [fre'ge**jʃ**]
 arroz > [a'ho**js**] ~ [a'ho**jʃ**]
 voz > ['vɔ**js**] ~ ['vɔ**jʃ**]
 luz > ['lu**js**] ~ ['lu**jʃ**]

Algumas epênteses consonantais são específicas de sincronias pretéritas, como a epêntese do [v] em situações em que um ditongo terminado em [w] é seguido de uma vogal tônica (outra solução regional seria a síncope do [w]: *loar*, *oir*):

audire > *ouir > ouv**ir**
laudare > *louar > lou**var**

Há também a epêntese do [ɲ] em hiatos cuja primeira vogal é um [ĩ] tônico:

vinum > v**ĩ**o > v**in**ho
cocinam > coz**ĩ**a > coz**in**ha

A epêntese do [m] após [ũ] tônico seguido de hiato concorreu com a desnasalização do [ũ]: *unam* > ãa > uma, mas *lunam* > l**ũ**a > lua (cf. formas dialetais *l**ũ**a*, com conservação da nasal, e *l**u**ma*, com epêntese).

c. PARAGOGE

Uma paragoge é uma adição no final da palavra. O nome provém do grego παραγωγή “desvio”. Em português, as únicas consoantes toleradas são /L/, /R/ e /S/, daí qualquer empréstimo terminado em outro tipo de consoante requer a paragoge de um [i], no caso do português brasileiro atual, mas em palavras antigas vê-se um <e> nas mesmas situações. Um caso antigo é a paragoge do -s em advérbios, motivado por analogia: *ante* > ant**es** (cf. *dum interim* > português antigo dement**es**, espanhol mient**ras**).

inglês *beef* ['bi:f] > b**if**e
 inglês *team* ['t^hi:m] > tim**e**
 inglês *film* ['fɪlm] > fil**m**e
 inglês *club* ['k^hlʌb] > club**e**

inglês *videogame* ['vɪrɪoʊgeɪm] > [vidʒo'gejmi]
 francês *chic* ['ʃik] > chique

USP > ['uspi]
 sob > ['sobɪ] (vide 2.c)
habitat > [abi'tatʃi]

(3) TRANSPOSIÇÃO

a. METÁTESE

Uma metátese é uma transposição de um som. Não é raro o caso de dois sons mudarem de posição. O termo provém do grego μετόθεσις “troca de posição”. Também é conhecida como *hipértese*, palavra vinda do grego de uma sílaba para outra, do gr. ὑπέρθεσις “ação de passar por cima”. Uma metátese comum é a transposição do -r latino final (vide 1.c), contudo em sincronias posteriores à da metátese do -r (idêntica à da apócope das demais consoantes finais) formam-se novamente palavras em -r por meio da apócope do -e (vide 1.c), o que justifica a tolerância de outras metáteses de -r não-finais que se tornam finais cf. *pro* > *pro > por (também em espanhol):

semper > sempre
 inter > entre
 super > sobre

Metáteses são assistemáticas e ocorrem em diversas sincronias. Metáteses do *[j], dependendo da consoante que a antecede, ocorreu em várias sincronias na história da língua portuguesa. É comum haver a transformação posterior *[aj] > [ej] com *[j] proveniente de metátese: tal fenômeno também ocorreu no espanhol e foi seguido de monotongação do *[ej] > [e]. Menos comum é a metátese do *[w]:

primarium > primário > primeiro (esp. *primero*)
monasterium > *mõasteiro > mõeiteiro > mosteiro
feriam > feira
basium > *['bajzo] > beijo (cf. esp *beso*)
capio > caibo
sapiam > saiba (cf. *sapiam* > *['sajpa] > *['sejpa] > esp. *sepa*)
capiam > caiba (cf. *capiam* > *['kajpa] > *['kejpa] > esp. *quepa*)
habuit > *[awve] > houve

Provavelmente a grande motivação para a ocorrência de metáteses com -r- ou -l- seja a analogia (como as formações em pre-: *pigrítiam* > *pegriça > preguiça, mas em espanhol houve síncope *pegreça > pereza, vide 1.b.6 ou formas com -str-: estuprar > [istru 'pa]), mas atração para a sílaba tônica também é observada.

tenebram > tēevra > tee**ra** > **tre**va

fenestram > fēestra > feest**ra** > **fre**sta

Por serem exclusivas de uma única língua, as metáteses duplas deve ser causadas por analogia (cf. *elymosīnam* > *elmosna > *esmolna > *esmolla > português esmola, mas *elymosīnam* > espanhol limosna, por aférese e síncope) e são comuns quando há <r> e <l> na mesma palavra: *periculum* > espanhol *peligro*, mas *periculum* > perigoo > perigo, com síncope do -l- e crase, vide 1.b.2.1. e 1.b.4; *parabōlam* > *palabra > português palavra, como em espanhol *palabra*). Raríssimos são os casos de metátese de vogal tônica (como em *genuculum* > gēolho > geolho > joelho):

paludem > *padule**m** > paul (cf. romeno pădure)

hirundinam* > *erondīa** > endor**īa** > andorinha

b. HIPERBIBASMO

Uma hiperbibasmo é uma transposição de um acento tônico. O termo provém do grego ὑπερβιβασμός “transposição”. Alguns autores diferenciam dois casos de hiperbibasmo: a *sístole*, que seria uma transposição da tônica para o *locus* de uma antiga pretônica (do grego συστολή “contração”) e a *diástole*, que seria a transposição da tônica para o *locus* de uma antiga postônica (do grego διαστολή “expansão, dilatação”). A causa mais provável dos hiperbibasmos é a analogia, mas há hiperbibasmos sistemáticos, por exemplo, no latim ibérico anterior ao latim vulgar, os infinitivos dos verbos da terceira conjugação latina sofreram diástole (*pérdere* > *per**dére** > perder), o que ocasionou a fusão da segunda conjugação com a terceira. A diástole também era sistemática em latim em empréstimos gregos, os quais se adaptavam ao esquema de acentuação latino (cf. Ἀριστοτέλης > latim *Aristótelēs*, por não permitir paroxítona com penúltima vogal breve)

Exemplos de sístole:

tenebam > *ten**iam** > tē**īa** > t**ī**a > **tin**ha

ponebam > *pon**iam** > p**ō**īa > *p**ū**īa > **pun**ha

eramus > é**ra**mos (também em espanhol *éramos*)

ficatum > *fígado* (também em espanhol *hígado*)
salivam > **saiva* > seiva
pantano > *pântano*
libellum > francês antigo *nivel* > português *nível*
benedictionem > *benção* > *bênção*
francês *aimant* > português antigo *imã* > *ímã*
ruim > ['huĩ]

Exemplos de diástole:

oceānum > *oceano* (mas não no espanhol *océano*)
judicem > *juiz* (também no espanhol *juez*)
intēgrum > *inteiro* (também no espanhol *entero*)
muliĕrem > *mulher* (também no espanhol *mujer*)
lentiōlum > *[lenti'olu] > lençol
gratuito > [gratu'itu]

Epênteses (2.b) podem modificar o padrão acentual das palavras, convertendo oxítonas em paroxítonas, paroxítonas em proparoxítonas, proparoxítonas em pré-proparoxítonas. Nesse caso, a vogal tônica permanece acentuada, apesar de haver hiperbatismo, mas em alguns casos (verbos conjugados na terceira pessoa do presente do indicativo e subjuntivo), pode haver diástole (não admitida pela norma culta):

inox > [i'no^okis], paroxítona
táxi > ['takisi], proparoxítona
helicóptero > [eli'k^opiteru], pré-proparoxítona
opta > ['^opita] ~ [o'pita]
impregna > [ĩ'pre^ggina] ~ [ĩpre'gina]

(4) TRANSFORMAÇÃO

a. TRANSFORMAÇÕES VOCÁLICAS

Como mencionado acima, uma grande mudança sistemática nas vogais ocorreu, no caso da România Ocidental, no chamado *vocalismo do latim vulgar* (vide acima). Mudanças vocálicas de outros tipos também ocorrem, mas de forma nem sempre assistemática, causadas ou por analogia ou por *assimilação* (mudança dos traços fônicos de um determinado som, visando à aproximação dos pontos de articulação de outro som similar vizinho, contíguo ou não, de forma total ou parcial) ou por *dissimilação* (mudança dos traços fônicos de um determinado som, visando ao afastamento dos pontos de articulação de outro som similar vizinho, contíguo ou não,

de forma total ou parcial). Além disso, quando uma vogal se torna mais fechada, dizemos que houve um *alçamento*, já o movimento contrário, isto é, quando a vogal se torna mais aberta, dizemos que houve um *rebaixamento*. Uma vogal anterior ou posterior que se torna central sofreu uma *centralização*, já uma vogal central ou posterior que se torna anterior sofreu uma *anteriorização* e uma vogal central ou anterior que se torna posterior sofreu uma *posteriorização*. Uma vogal não-arredondada que se torna arredondada sofreu um *arredondamento*, já uma vogal arredondada que se tornou não-arredondada sofreu um *desarredondamento*. Tais fenômenos só recebem esses nomes se estiverem desvinculados dos fenômenos da *analogia*, da *assimilação* e da *dissimilação* e se forem sistemáticos. Assim, quando o ditongo *[aj] se tornou [ej], houve um alçamento e uma anteriorização por causa da assimilação parcial da vogal do ditongo em relação à semivogal, inversamente, quando [ej] > [ɛj] no português lusitano, houve um rebaixamento e uma centralização por causa da dissimilação do ditongo em relação à semivogal. Igualmente, quando *petire* > *pidir*, no português medieval, houve um alçamento motivado por uma assimilação total regressiva não-contígua e quando *pidir* > *pedir* (no português europeu, na verdade [ə]), houve um rebaixamento e uma centralização motivados por uma dissimilação não-contígua. Há contudo mudanças que não ocorrem por causa de analogia, assimilação ou dissimilação, mas são fenômenos sistemáticos (isto é, *vocalismos*), como a alçamento e centralização do *[e] > [ə] átono em português europeu e o alçamento do *[e] > [i] postônico no português brasileiro. Também independe de assimilações ou dissimilações o alçamento do *[e] em início da palavra, que é uma regra pancrônica:

ætatem > *[e'dade] > idade

æqualem > *[e'gwal] > igual

elefante > [ilə'fẽt], no português europeu

Do latim arcaico ao latim comum ocorre a *apofonia*, alçamento vocálico de natureza morfofonológica, gerado pelo acento fixo na primeira sílaba, que alçava as vogais átonas dos radicais (*a* > *e* em sílabas com coda, *a* > *i* em sílabas sem coda, *e* > *i*, *au* > *u*) quando se lhe apunha um prefixo: *in*-+*barba* > *imberbis*; *in*-+*arma* → *inermis*, *ex*-+*capěre* → *excipěre*, *sub*-+*rapěre* → *surrípěre*, *ad*-+*cantus* → *accentus*, *in*-+*caděre* → *inciděre*. A consequência de muitas raízes com apofonia se vê nas mudanças fonéticas subsequentes do português e também nos seus empréstimos cultos latinos. No português, contudo, não existe apofonia.

(4.a.1) ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA TOTAL REGRESSIVA

Com vogais contíguas:

**palumbam* > *paomba* > *poomba*

calentem > *caente* > *queente* > *quente*

Com vogais não-contíguas:

novaculam > *novacla > navalha (vogais não-contíguas)

(4.a.2) ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA PARCIAL REGRESSIVA

primarium > primairo > primeiro

amavi > *amai > amei

amavit > *amau > amou

aurum > ouro

habui > *['awve] > houve

vado > *vao > *vau > vou

**dao* > *dau > dou (cf. romeno *dau*)

**stao* > *stau > estou (cf. romeno *stau*)

**famem* > *fome > fome (cf. romeno *foame*)

Uma assimilação parcial regressiva sistemática é a *nasalização vocálica*, ocorrida no Noroeste da Península Ibérica, quando há síncope de um -n- (vide 1.b.2.4) ou quando há proximidade de uma nasal -n- ou -m- seguida de consoante (que pode sincopar ou não, dependendo da variante da língua portuguesa). Também a proximidade de uma nasal -n- ou -m- seguida de vogal pode criar nasalização ou não, dependendo da variante e dependendo da tonicidade da sílaba:

dentem > *[dẽnte] > português brasileiro ['dẽtʃi]

banana > [ba'nẽna] ~ [ba'nẽna] ~ [bẽ'nẽna] ~ [bẽ'nẽna]

Pode-se interpretar como uma assimilação parcial regressiva também alguns casos de *desnasalização* (seguido de crase, síncope, epêntese de semivogais ou conservação, dependendo do caso):

tenĕre > tẽer > teer > ter

ponĕre > põer > poer *['poer] > pôr

coronam > corõa > coroa

nominare > *nomẽar > nomear

cenam > cẽa > cea > ceia

bonam > bõa > boa

lunam > lũa > lua

sinum > sẽo > seo > seio

frenum > fr**ẽ**o > freo > freio

Em várias palavras, há aparentemente a conservação de um *[u] ou *[i] postônicos, que promovem o alçamento da vogal tônica, por meio de uma assimilação vocálica parcial regressiva não-contínua; inversamente há rebaixamento vocálico quando a postônica é *[a]. Em flexões, o nome dado a esse processo é *metafonia*:

mētum > *['m**ɛ**du] > medo ['m**e**du]

hōram > *['**o**ra] > hora ['**o**ra]

pōrcum > *['p**o**rku] > porco ['p**o**rku]

pōrcos > *['p**o**rkoʒ] > porcos ['p**o**rkus]

formōsum > formoso *['fer'm**o**ʒu]

formōsam > *['fer'm**o**ʒa] > formosa *['fer'm**o**ʒa]

fēcī > *['f**e**zi] > fizi > fize > fiz

fēcīt > feze > fez

quæsivi > *['k**ɛ**ʒii] > *['k**e**ʒi] > *['k**i**ʒi] > quise > quis

servīo > *['s**i**rʒjo] > sirvo

dormīo > *['d**u**rʒjo] > durmo

potūi > *['p**u**di] > pude

pōsī > *['p**u**si] > *puse > pus

servītium > *['ser'v**e**ʒju] > *['ser'v**i**ʒju] > serviço

tepidum > *['t**e**biu] > t**í**bio

decimum > *['d**e**ʒimo] > d**í**zimo

(4.a.3) ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA PROGRESSIVA

Em algumas palavras de alta frequência testemunham-se algumas nasalizações progressivas:

matrem > *['m**a**de] > *['m**a**ðe] > ['m**a**e] > *m**ã**e* (galego *nai*).

nec > *['n**e**] > *n**e**m* (cf. espanhol *ni*)

multum > muito > ['m**ũ**jtu]

mihi > *m**i*** > *m**i**m* (espanhol *mi*)

Também há uma assimilação progressiva, seguida de crase em *[ãa] > *[ãã] > [ã]:

lanam > l**ã**a > *l**ã**ã > lã

ranam > r**ã**a > *r**ã**ã > rã

(4.a.4) DISSIMILAÇÃO VOCÁLICA

Na dissimilação, vogais idênticas se distinguem. Apesar de assistemática, a dissimilação ocorre normalmente numa pretônica e, portanto, tende a ser regressiva:

rotundum > *[rodondo] > redondo
 tonsorium > *[tozoria] > tesoura ~ tesoura
 horologium > *rológio > relógio
 formosum > fermoso (esp. hermoso)
 Te Deum > Tadeu
 potoniam > peçonha
 manhã > menhã
 viginti > viinte > vinte (espanhol *viinte > veinte)

Pode ser considerada uma dissimilação progressiva a transformação do ditongo *ou* > *oi*: *causam* > *cousa* > *coisa*, *duos* > *dous* > *dois*, muito frequente a partir do século XVI.

(4.a.5) VOCALIZAÇÃO

Chama-se *vocalização* a transformação de uma consoante em semivogal. No português brasileiro, é conhecida a vocalização do -l- em posição de coda após a velarização em [ɫ]: *mal* > ['maɫ] > ['maw]. Tal fenômeno já ocorrera antes, de forma assistemática como se pode ver em *alterum* > *['aɫtru] > *outro* (em espanhol monotongado para *otro*), mas também a realização [j] ocorreu em alguns casos: *multum* > *muito* (em espanhol também, o qual, por metátese, gerou *['mutjo] > *mucho*)

Sons como -p-, -b-, -c- e -g- em encontros consonantais também produziram, na história do português, ditongos terminados em [j] ou [w]. A grafia <x> em latim representa um encontro consonantal do mesmo tipo, a saber *[ks]. Raramente há casos de vocalização intervocálica:

captivum > *cautivo* ~ *cativo*
absentiam > *ausência*
noctem > *noite* ~ *noute*
factum > *feito* (esp. *hecho*)
directum > *direito* (esp. *derecho*)
 **lactem* > *leite* (esp. *leche*)

tractatum > tratado ~ tratado
octubrem > outubre > outubro
doctorem > doutor
actum > auto ~ ato
sex *[seks] > seis
exsucare *[ek'suka:re] > eixugar > enxugar
flagrare > *chairar > cheirar
regnum > reino
cognoscere > *[kojno'ser] > *[konjo'ser] > conhocer > conhecer
disdignare > *[desdej'nar] > *[desde'njar] > desdenhar
plagam > praia (esp. *playa*)

b. TRANSFORMAÇÕES CONSONANTAIS

Mudanças no ponto de articulação, no modo de articulação e no vozeamento, quando não se deve a analogia, assimilação ou dissimilação. Há diversos tipos: o *rotacismo* (transformação de consoantes não vibrantes em vibrantes) em encontros consonantais *[l] > [r] é um deles, ainda que pouco sistemático: *placere* > prazer; *duplare* > dobrar; *flaccum* > fraco; a *lenização* (transformação de plosivas em fricativas) do *[b] intervocálico em *[β] > [v] é outro caso (vide 1.b.2.2): *fabam* > fava; *habere* > haver. O mesmo fenômeno ocorre antes de depois de *[j], *[l] ou *[r]: *album* > alvo; *arborem* > árvore; *librum* > livro (mas conservação em: *colūbram* > coobra > cobra cf. esp. *culebra*); *rabiam* > raiva. Fora da sonorização das consoantes surdas do latim vulgar, que ocorre na posição intervocálica, há exemplos de sonorização de *[k] > *[g] inicial em período muito antigo em algumas palavras: *cattum* > *[gatto] > gato. Também é antiga a síncope do *[n] antes de *[s̄]: *pensare* *[pen'sa:re] > *[pe'sare] > *[pe'zar] > pesar; *tensum* *['tensum] > *['teso] > *['tezo] > teso; *mensam* *['mensam] > *['mesa] > *['meza] > mesa.

(4. b.1) ASSIMILAÇÃO CONSONANTAL TOTAL REGRESSIVA

Esse tipo de assimilação também é chamada de *geminção*, ocorreu na história do latim, sobretudo como resultado de prefixações: *in-+legitimum* > *illegitimum*. Na Península Ibérica, geminções secundárias também passam pelo fenômeno da *degeminção* (1.b.5)

per+lo > *['pello] > pelo
 ipse > esse > ['ese] > ['esi]
 septem > *sette > sete
 personam > pessoa > [pe'soa]

persicum > pêssego > ['peseɡu]
 aversum > avesso > [a'vesu]
 dixit *['diksit] > disse > ['dʒisi]
 damnum > *danno > dano (esp. *daño*)
 domīnam > *domna > donna > dona (cf. esp *dueña*)

(4.b.1) ASSIMILAÇÃO CONSONANTAL PARCIAL REGRESSIVA

Assimilações parciais regressivas ocorreram no latim vulgar e foram responsáveis por grandes mudanças no quadro fonológico dos sistemas subsequentes, de modo que, na România Ocidental (incluindo os casos de sonorização da consoante intervocálica), *[ki:] > *[ci], *[ki] > *[ce], *[ke:] > *[ce], *[ke] > *[cε], *[gi:] > *[ji], *[gi] > *[je], *[ge:] > *[je], *[ge] > *[jε], que são, do ponto de vista articulatório, *palatalizações*. Os sons *[c] e *[j] transformaram-se, respectivamente, em *[ts] e *[dz] na Península Ibérica (por um processo de despalatalização e *lenização parcial*, isto é, conversão de plosivas em africadas) e foram assimilados regressivamente para *[ts] > *[ss] > [s] e *[dz] > *[zz] > [z], deixando de ser africadas para serem fricativas. Em outros contextos houve nova palatalização *[dz] > *[dʒ] > [ʒ]. Esses sons não se confundiam com os sons conservados *[ʃ] e *[ʒ̞] e no norte de Portugal, há registros da existência dos quatro fonemas /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ̞/ em dialetos, tal como no português arcaico: *[s] para os grafemas <c> ou <ç>, *[z] para o grafema <z>, *[ʃ] para os grafemas <s-> ou <-ss-> e *[ʒ̞] para o grafema <-s-> intervocálico. No centro-norte, [s] > [ʃ] e [z] > [ʒ̞], resultando o chamado *sotaque beirão*. No centro-sul, inclusive Lisboa, ocorreu: [ʃ] > [s] e [ʒ̞] > [z] e dessa vertente proveio o português brasileiro. No espanhol *[ts] > [θ] e *[dz] > *[ð], por meio de *fusão* de traços; como no galego, o último som se ensurdeceu *[ð] > [θ], assim como *[ʒ̞] > [ʃ]. Em português só ocorreu o ensurdecimento do *[z] em posição final e a palatalização de *[s] > [ʃ] e *[z] > [ʒ] em posição de coda. No espanhol, os *[ʒ] também se ensurdeceram em *[ʃ], tal como no galego, o *[ʃ] se velarizou, posteriormente, em *[x] e se uvularizou em [χ]:

dulcem *['duɫkɛm] > *['doɫce] > *[dowtse] > doce (esp. *dulce*)
facio *['fa:kjo:] > *['facjo] > *['fatso] > faço
bracchium *['brakkjum] > *['bracjo] > *['bratso] > braço
vicinum *[wi'ki:num] > *[ve'jino] > *[ve'dzino] > vezão > vizinho (esp. *vecino*)
ducentos *[du:'kentos] > *[du'jentos] > *[du'dzentos] > duzentos
decem *['dekɛm] > *['deje] > *['dɛdze] > *['dezze] > *['deze] > dez
generum *['gɛnɛrum] > *['jɛnro] > *['dzɛnro] > *['dʒɛnro] > genro
ferruginem *['fer'ru:ginɛm] > *['fe'rujɛne] > *['fe'rudzɛn] > *['fe'rudʒɛ] > ferrugem
fugio *['fu:gio:] > *['fuʒjo] > *['fudzjo] > *['fudʒo] > fujo

O fonema */tʃ/ grafado <ch> distinto de */ʃ/, grafado <x>, se formou em Portugal mediante um fenômeno de palatalização independente de assimilações, isto é, no latim vulgar *[pl] > *[pʌ], que se vocalizou no italiano [pj], no entanto, uma assimilação posterior regressiva na Península Ibérica transformou o *[pʌ] em *[tʌ], e no Noroeste peninsular um ensurdecimento com alteração do modo de articulação deslateralizou o *[ʌ] convertendo *[tʌ] > *[tʃ]. O mesmo ocorreu com *[kl] e com *[fl]. No caso de posição intervocálica, ocorreu *[kl] > *[tʌ] > *[ʌʌ] > [ʌ], situação comum em diminutivos (nesta mesma situação o espanhol atual tem uma velarização ou uvularização). Apesar de ser uma lei fonética, há exceções (conservações ou rotacismo do [l] > [r], de modo que a gênese do fenômeno deve ter sido, inicialmente, dialetal, mas tornou-se a regra tanto em galego quanto em português. Apenas no galego e no norte de Portugal há ocorrências dialetais de um fonema /tʃ/ distinto de /ʃ/ e há testemunhos de que tal situação também já ocorreu no Brasil. No centro sul, ambos convergiram em /ʃ/ e essa também é a situação majoritária do português brasileiro.

clavem > **ch**ave (esp. *llave*)
 clamare > **ch**amar (esp. *llamar*)
 pluviam > **ch**uva ~ **ch**uiva (esp. *lluvia*)
 plus > **ch**us
 planum > **ch**ão (esp. *llano*)
 plicare > **ch**egar (esp. *llegar*)
 implere > en**ch**er
 flammam > **ch**ama (esp. *llama*)
 afflare > **ach**ar (esp. *hallar*)
 inflare > in**ch**ar
 oculus > *o**clu** > o**lho** (esp. *ojo*)
 acus → acucūlam > *acu**cla** > agul**ha** (esp. *aguja*)
 ovis → ovicūlam > *ovi**cla** > ovel**ha** (esp. *obeja*)
 apis → apicūlam > *api**cla** > abel**ha** (esp. *abeja*)
 auris → auricūlam > *auri**cla** > ore**lha** (esp. *oreja*)
 vetus → vetūlum > *vetlum > *ve**clum** > vel**ho** (esp. *viejo*)

Outros fonemas palatais, inexistentes no latim, surgiram por meio da assimilação parcial regressiva de um *[j], proveniente de um *[i] ou de um *[e] em posição de hiato, e de uma posterior síncope do mesmo *[j]: de *[dj] > *[ʒj] > *[ʒ], *[nj] > *[ɲj] > [ɲ], *[lj] > *[ʎj] > [ʎ] ou de uma posterior metátese do *[j]: *[zj] > *[ʒj] > [ʒ] e *[sj] > *[ʃj] > [ʃ]. Ambas assimilações (progressiva e depois regressiva) é visível no contexto fônico *[stj] > *[stʃj] > *[tʃ] > *[ʃ] > [ʃ]. O último caso aparentemente

é mais recente que os demais, pois *[aj] não se transforma em *[ej] por assimilação regressiva (4.a.2).

hodie > *['odje] > *['oʒje] > hoje (cf. galego *hoxe*)
video > *['vedjo] > *['veʒjo] > vejo
sedeat *['sedja] > *['seʒja] > seja
araneam > *['ranja] > *['raɲja] > aranha
venio > *['venjo] > *['veɲjo] > venho
teneo > *['tenjo] > *['teɲjo] > tenho
verecundiam > *['ver'gondja] > *['ver'gonɲja] > *['ver'gonja] > vergonha
filium > *['fiɭjo] > *['fiʎjo] > filho (espanhol *hijo*)
folia > *['folja] > *['foʎja] > folha (espanhol *hoja*)
maleum > *['maljo] > *['maʎjo] > malho
basium > *['bazjo] > *['baʒjo] > *['bajʒo] > beijo
ecclesiam > *['e'jlezja] > *['ej'greʒja] > igreja > igreja
phasiolum > *['fa'zjolo] > *['fa'ʒjoo] > *['faj'ʒoo] > feijoo > feijó
**bassium* > *['ba'sjo] > *['ba'ʃjo] > baixo
passionem > *['pa'sjone] > *['pa'ʃjon] > paixão
bestiam > *['bestʃja] > bescha *['beʃtʃa] > *['biʃʃa] > bicha
comestionem > *['komes'tʃjon] > *['komeʃ'tʃõ] > *['komiʃ'ʃõ] > comichão

Também o português brasileiro tem um caso de palatalização com lenização parcial (plosiva se transforma em africada): *[ti] > *[tʃi], *[tj] > *[tʃj], *[di] > *[dʒi], *[dj] > *[dʒ], forma que deve ter iniciado nas áreas do Minas Gerais e Rio de Janeiro e se tornou comum nas capitais dos demais estados (com exceção de alguns estados do Nordeste, como Rio Grande do Norte, Pernambuco, Alagoas e Paraíba). No interior dos demais estados, conserva-se a pronúncia plosiva. Tal fenômeno também se encontra em parte na África lusófona meridional.

(4.b.3) ASSIMILAÇÃO CONSONANTAL PROGRESSIVA

Podem ser parciais ou totais. Fora do caso do pronome pessoal de terceira pessoa que se nasaliza (cf. amar**am**+lo > amar**am**-no), ocorre esporadicamente em:

elymosinam > *elmosna > *esmol**lna** > *esmol**lla** > esmola
molinarium > *mol**l**neiro > *mol**l**leiro > moleiro

O fonema */ts/ provindo de uma assimilação progressiva de */tj/ gera, por assimilação regressiva um */ss/, degeminado em */s/ em posição intervocálica. Há raros testemunhos de sonorização de */tj/ conduzindo a */dj/ > */dz/ > */zz/ > */z/

(provavelmente são empréstimos). De *[dj] antecedido por sílaba com coda origina-se também um *[ts], por ensurdecimento:

puteum > *['potjɔ] > *['potsɔ] > *['posso] > poço
palatium > *['palatjɔ] > paaço *[pa'atsɔ] > *['passo] > paço
pretium > *['prɛtjɔ] > *['pretsɔ] > *['presso] > preço
altiare > *['al'tjar] > *['al'tsar] > alçar
orationem > *['ora'tjɔn] > oraçom *['ora'tsõ] > *['ora'ssõ] > oração
minatiam > *['me'natja] > *['mẽ'atsa] > *['me'assa] > ameaça

ardeo > *['ardjɔ] > *['artsɔ] > arço
 **perdeo* > *['perdjɔ] > *['pertsɔ] > perço
verecundĭam > *['ver'gondja] > *['ver'gontsa] > vergonha

rationem > *['radjɔn] > *['ra'dzõ] > *['ra'zzõ] > razão
tristitiam > *['tris'tedja] > *['tris'tedza] > *['tris'tezza] > tristeza

O fonema */ks/ gera um */js/ por vocalização e, em seguida, promove uma assimilação consonantal progressiva [j]:

coaxare > *['kaj'sar] > *['kaj'ʃar] > queixar
laxare > *['laj'sar] > *['laj'ʃar] > leixar

(4.b.3) DISSIMILAÇÃO CONSONANTAL

Os casos de dissimilação mais frequentes são rotacismos [l] > [r]. Casos contrários, de lambdacismo [r] > [l] são raros no português mas comuns no espanhol. Algumas síncope parecem ser causadas por dissimilação: *cribrum* > crivo; *proram* > proa

calamellum > caramelo
 memorare > *memrar > nembrar > lembrar
 libellum > livel > nível
 haribergum > albergue
 miraculum > *miraclu > miragre > milagre (esp. *milagro*)
 carcerem > cárcer ~ cárcere (esp. *cárcel*)
 arbõrem > árvor ~ árvore (esp. *árbol*)
 marmõrem > mármore (esp. *mármol*)

(4.b.4) CONSONANTIZAÇÃO

Chama-se *consonantização* ou *endurecimento*. a transformação de semivogais em consoantes. Tal fenômeno foi sistemático no latim, mas muito raro em fases subsequentes: *iam* *[jam] > *[ja] > já; *navem* *['na:wem] > nave; *pluviam* *['pluwiam] > chuiva ~ chuva; *novum* *[nowum] > novo.

MUDANÇAS ANALÓGICAS

Além das mudanças fonéticas existem as causadas por analogia (do gr ἀναλογία “correspondência, proporção matemática”). Essas mudanças são assistemáticas e são desencadeadas por um vocábulo ou por um paradigma inteiro de vocábulos, relacionados ou não semanticamente. Quanto maior a cardinalidade do paradigma ou maior a frequência de uso da(s) palavra(s) que desencadeia(m) a mudança analógica, mais evidente se torna a explicação analógica de uma mudança fonética irregular. A analogia é um fenômeno *sincrônico* e deve ser indicado por outro símbolo diferente de “>” ou “<” (por exemplo, ⇨ ou ⇩):

sic > si > **sim** ⇩ **non**

astrum ⇨ *stellam* > **estrela** (esp *estrella*)

florem ⇨ (*silvam*) *forestem* > **floresta** (esp *floresta*)

chama ⇨ francês *cheminée* > **chaminé**

amarela ⇨ francês *mareille* > **amarelinha**

ferrum ⇨ *veruculum* > **ferrolho**

saúde ⇨ *solitatem* > **saudade**

golfo ⇨ *delphinum* > **golfinho** (esp *delfín*)

caminho ⇨ *camion* > **caminhão**

inglês *country dance* > francês *contredanse* > **contradança** ⇩ **contra** (esp. *contradanza*)

São ⇨ *Satanás* > “**São** Tanás”

São ⇨ *sacristão* > “**são** cristão”

legaonem* > *legação* > *alegra-cão* ⇩ **alegrar+cão

quimbundo ngiriangombe > *maria-gomes* ⇩ **Maria+Gomes**

estar em palpos de aranha → estar em papos de aranha ⇩ **papos**

embriagado ⇨ *engatinhar* → *embriagatinhar* (Guimarães Rosa)

-íssimo/ -érrimo → palavras fora da regra -r (boníssimo, pobríssimo, riquíssimo)

acento de *éramos, éreis* < *eramus, eratis* ⇩ regularização -ávamos, -íamos

regra 1ª.sg pret perf = infinitivo ⇨ *vir* [vĩ]

fim da diferença infinitivo ≠ fut. subj. (se eu “fazer”...)

leiteira ⇨ *café+eira* → *cafe-t-eira*

rubrica, pudica > *rúbrica, púdica* (⇩ *música, pública, púnica, última, única*...)

asterisco → “*asterístico*” ⇩ *-ístico*

[dur'mi] < *dormir* > ⇨ [a'ki] < *aquir* >

Estilete > *esquilete* ⇔ *esqueleto*

Plebiscito > *presbiscito* ⇔ *presbiteriano*

Encher linguiça → *encher sardinha* ⇔ *puxar sardinha*

Enxame > *enxume* ⇔ *cardume*

Arregaçar as mangas → *arreganhar as mangas* ⇔ *arreganhar os dentes*

Hare Krishna > *Hare Christmas* ⇔ *Merry Christmas*

Ficar de papo pro ar > *jogar papo pro ar* ⇔ *jogar conversa fora*

Outros exemplos: *Masturbanização*, *croquetel*, *no entretanto*, *cangurão*, *asquerosado*, *ornitorrinolaringologista*, *sinfósio*, *cérebro*, *sucexo*, *patafina*, *estralhaçar*, *urubusservar*, *repeteleco*, *suldeste*, *Dinamarga*, *Xerops*, *corcondância*, *Santos Drummond*, *libras estrelinas*

Na grafia antiga: *theor*, *thesoura*, *sachristão*, *christal*, *sythema*, *chamar-mos*, *hervilha*, *lyrio*, *hontem*, *puzer*, *quizer*, *prestiguidador*, *sizo* (NOGUEIRA 1937)

EXERCÍCIO

Descrever as mudanças fonéticas das sequências abaixo:

- i. coloratum > coorado > corado
- ii. panatarium > *pãadaria > paadaria > padaria
- iii. trágico+cômico = tragicômico
- iv. acētum > azedo
- v. lacum > lago
- vi. rōsam > rosa
- vii. vivebam > *vivea > vivia
- viii. clavem > chave
- ix. ocūlum > *oclu > olho
- x. afflare > achar
- xi. planum > chão
- xii. basium > *baijo > beijo
- xiii. bestiam > bescha > bicha
- xiv. araneam > *arania > aranha
- xv. fōlia > folha
- xvi. pūteum > poço
- xvii. certitudines > certidoes
- xviii. schōlam > escola
- xix. istmo > ['istʃimu]
- xx. lentiōlum > *lentiōlu > lençol
- xxi. panem > pan > pão
- xxii. rationem > razom > razão
- xxiii. ponet > põe
- xxiv. vinum > vīo > vinho
- xxv. unam > ũa > uma
- xxvi. pluviam > *chuiua > chuva
- xxvii. sub > so > sob > ['sobi]
- xxviii. memorare > *memrar > nembrar > lembrar
- xxix. elimosŷnam > elmosna > esmolna > esmola
- xxx. acūcūlam > acucla > agulha
- xxxi. regīnam > *reinha > rainha
- xxxii. *vagativum > vaadio > vadio
- xxxiii. cognoscēre > *cognoscēre > *coinoce > conhecer
- xxxiv. ecclesiam > eigreja > igreja
- xxxv. popūlum > poboo > povo
- xxxvi. cathedram > cadeira
- xxxvii. cenam > *cēa > cea > ceia
- xxxviii. ranam > rāa > rã
- xxxix. sīnum > sēo > seo > seio
- xl. crūdum > *cruo > cruu > cru
- xli. audire > *ouir > ouvir

panes > pães
rationes > razões

Reconstruir as fases intermediárias das sequências abaixo:

- i. coaxare > queixar
- ii. laudare > louvar
- iii. umbilicum > umbigo
- iv. colūbram > cobra
- v. flagrare > cheirar

GABARITO

Descrever as mudanças fonéticas das sequências abaixo:

Observação:

- m:** *m* em qualquer posição
- m-:** *m* no início do vocábulo
- m-:** *m* no meio do vocábulo (sobretudo intervocálico)
- m:** *m* no fim do vocábulo

Fenômenos previsíveis

- conservação dos sons
- apócope do *-m*
- vocalismo do latim vulgar
- sonorização das oclusivas intervocálicas
- lenização do *c* e *g* latinos+*e*, *i* com manutenção da grafia O *-c-* intervocálico+*e*,*i* se sonoriza e sofre lenização posterior: é grafado <*z*>
- sonorização do *-s-* intervocálico
- síncope do *-n-* e nasalização da vogal precedente
- síncope do *-l-*
- consonantização *v*, *j*
- alçamento tardio de vogais átona postônica: *o* [u], *e* [i]

Demais mudanças:

- i. cōlō'rātūm > coorado > corado
Crise dos dois oo formados pela síncope do *-l-* gerando um [ɔ] aberto, que se fechou em posição átona. A pronúncia aberta ainda existe em português europeu [kɔ'rɑðu]
- ii. *pānā'tāriām > *pāadaria > paadaria > padaria
Hiperbissmo. Crise dos dois aa (formados pela síncope do *-n-* e posteriores nasalização e desnasalização). A pronúncia aberta, resultante da crase, ainda existe em português europeu [paðe'riɐ]
- iii. trágico+cômico = tragicômico
haplologia *-*co'co-* > *-co-*
- iv. ā'cētūm > azedo
totalmente regular (sonorização do *-c-*, vocalismo, sonorização do *-t-*, apócope)
mudança morfológica (substantivo > adjetivo), causada por mudança semântica.
- v. 'lācūm > lago
totalmente regular (sonorização do *-c-*, vocalismo, apócope)
- vi. 'rōsām > rosa
totalmente regular (vocalismo, sonorização do *-s-*, apócope)
- vii. vī'vēbām > *viveβa > *vivea > vivia
lenização do *-b-*. O *-v-*, porém, se conserva posteriormente. Alçamento do *-e-* (irregular, mas comum em hiato das formas do pret. imperf.)
- viii. 'clāvēm > chave

- transformação irregular $t_i > z$ *[dz] > [z]; (com recente passagem da africada>fricativa); apócope do $-e$ após nasal; ditongação tardia de $-on > -ão$ (séc. XVI); (no plural) síncope do $-n-$ com nasalização
- xxiii. 'pōnēt > pōe
apócope do $-t$; (no plural) síncope do $-n-$ com nasalização
- xxiv. 'vīnūm > vīo > vinho
síncope do $-n-$ com nasalização; epêntese do $-nh-$ (após i)
- xxv. 'ūnām > ūa > uma
síncope do $-n-$ com nasalização; epêntese do $-m-$ (com características do traço labial do u): irregular (normalmente: desnasalização)
- xxvi. 'plūvīām > chuīva > chuva
 $pl-$ > *[pʎ] > ch *[tʃ] > [ʃ] (com recente passagem da africada>fricativa); vocalismo irregular $ū > *o$ (com alçamento $*o > u$, por assimilação com i); metátese do j e posterior síncope (sobrevivência da ditongação em dialetos)
- xxvii. 'sūb > so > sob > ['sobi]
[b] reconstruído por cultismo; paragoge de [i]
- xxviii. mēmō'rārē > *memrar > nembrar > lembrar
síncope do $ō$ (irregular: pretônico); epêntese do b (para evitar encontro *[mr]); dissimilação m...m (perda do traço bilabial do primeiro m); dissimilação n...nasal (perda do traço nasal do n -> *[r]- > l-)
- xxix. ἔλεημοσύνη > ělē'mōsŷnām > elimosŷna > elmosna > esmolna > esmola
hiperbibismo do grego para o latim ($x\acute{x}x > \acute{x}\acute{x}x$); mudança semântica (originalmente “compaixão”) cf. espanhol *limosna*; metátese dupla do l e do s ; síncope do n (por assimilação e crase $-ln- > *-ll- > -l-$)
- xxx. ā'cūcūlām > *acucla > agulha
síncope do segundo $-ū-$; palatalização do $-cl-$ secundário > *[kʎ] > lh [ʎ]; vocalismo irregular (pois 'ū > *o, não u)
- xxxi. rē'gīnām > *reīa > *reīna > rainha
cf. espanhol *reina*, com hiperbibismo; síncope do $-g-$; síncope do $-n-$ com nasalização; epêntese do $-nh-$ (após i)
- xxxii. *vāgā'tīvūm > vaadio > vadio
síncope do $-g-$ e do $-v-$; crase (em português europeu, mantém-se a vogal aberta, apesar de átono [va'diu], como em “padaria”, vide acima)
- xxxiii. cō'gnōscērē > *cogno'scēre > *coīnocer > conhecer
hiperbibismo: mudança de terceira conjugação para a segunda (Península Ibérica); síncope do $-s-$ no encontro $-sc-$; apócope do $-e$ após r
vocalização do $-g-$, metátese (*īn > *nī)
- xxxiv. ἐκκλησία > ěcc'lēsīām > eigreja > igreja
hiperbibismo do grego para o latim ($x\acute{x}x > \acute{x}\acute{x}x$); crase do $-cc-$ > $-c-$ e posterior sonorização $-c- > -g-$; rotacismo $-l- > -r-$; vocalização $-c- > \underset{\cdot}{i}$ e síncope ($e\underset{\cdot}{i}- > e- > i-$ alçamento de e inicial); sonorização e palatalização do $-s-$; metátese do $-i-$ e posterior síncope (monotongação)
- xxxv. 'pōpūlūm > poboo > povo
sonorização e posterior lenização $-p- > -b- > -v-$; crase; síncope do $-l-$ irregular (normalmente síncope cf. espanhol *pueblo*); $ō > [o]$ no plural: singular sofre alçamento por metafonia
- xxxvi. καθέδρα > 'cāthēdrām > ca'deira
hiperbibismo do grego para o latim ($x\acute{x}x > \acute{x}\acute{x}x$) (cf. cultismo *cátedra*); sonorização normal ($-th- > -t- > -d-$); vocalização do $-d- > -j-$ (irregular); novo hiperbibismo (ou preservação do acento grego no latim vulgar ibérico?)

- xxxvii. ^lcēnam > *cēa > cea > ceia
 vocalismo regular, síncope do –n–, nasalização, desnasalização; epêntese do –j– (para desfazer hiato)
- xxxviii. ^lrānām > rāa > rã
 vocalismo regular, síncope do –n–, nasalização; crase
- xxxix. ^lsīnūm > sēo > seo > seio
 vocalismo regular, síncope do –n–, nasalização, desnasalização; epêntese do –j– (para desfazer hiato)
- xl. ^lcrūdūm > *cruo > cruu > cru
 vocalismo regular, síncope do –d–, assimilação total, crase
- xli. au^ldīrē > *ouir > ouvir
 assimilação parcial *au* > *ou*; síncope do –d– e posterior epêntese do –v– (com características do traço labial do *u*)

Reconstruir as fases intermediárias das sequências abaixo:

- i. cōa^lxārē > queixar
 coaxare [ks] > *cōajsare [j̥s] > *caisiare > queixar
 vocalização do [k] do encontro consonantal *x* [ks]; ditongação do –o– e síncope (*co > *[kw] > [k]); metátese do –j̥– e posterior palatalização (*sj̥ > x [ʃ]); assimilação parcial *ai > ei (atualmente, síncope do –j̥– antes de [ʃ]: [ke^lʃa])
- ii. lau^ldārē > louvar
 laudare > *louar > louvar
 assimilação parcial *au* > *ou*; síncope do –d– e posterior epêntese do –v– (com características do traço labial do *u*); cf. português antigo *loar* (síncope do *u*)
- iii. umbi^llicūm > umbigo
 umbi^llicum > *umbi^ligo > umbigo
 síncope do –l–; crase; cf. português arcaico e regional *imbigo* (assimilação total) (o *u*- foi restaurado por cultismo)
- iv. ^lcōlūbram > cobra
 colūbram > ^lcoobra > cobra
 (espanhol *colūbram* > *culuebra > culebra: hiperbibasmo e síncope do –u–); síncope do –l– (em vez de síncope do –ū–); crase; cf. a conservação do –b– é irregular (cf. *librum* > *livro*)
- v. flāg^lrārē > cheirar
 flagrare > *flairar > cheirar
 cf. palavra culta *flagrância* < *latim* *flagrantīa*; *fl*– > *[fʎ] > *ch* *[tʃ] > [ʃ] (com recente passagem da africada > fricativa); assimilação parcial *ai > ei (atualmente, síncope do –j̥– antes de [r]: [ʃe^lra])